

Esquemas para crítica literária como ponto de viragem na democracia russa*

Cristiana Maria Cardachevski

Graduanda em Filosofia

FFLCH-USP

Bolsista do CNPq

Início por um panorama da Rússia no século XIX, em especial, pela situação instaurada na primeira metade do século, por conta de uma decorrente reivindicação por identidade cultural, oriunda da fase de Pedro, o Grande, com sua abertura à cultura europeia, mais especificamente, a francesa, e posteriormente pelo idealismo alemão nos meios acadêmicos e intelectuais russos do início do século XIX. Panorama em que é possível aferir a existência pública de posturas antípodas – eslavófilos e ocidentalistas, em seguida os populistas – para então apontar o papel político e intelectual das grandes figuras desse período: Aleksandr Herzen e o crítico literário Bielínski, cuja base teórica se erigia perceptivelmente sobre um plano estético hegeliano.

Segundo Joseph Frank, crítico de Dostoiévski, “um conhecimento da história cultural é indispensável para o estudo de qualquer literatura, mas pode-se argumentar que isso seja mais verdadeiro para a literatura russa do que para qualquer outra literatura europeia do mesmo período” (Frank 1992, p.61). Posta a dificuldade para se expressar idéias controversas diretamente na imprensa (apesar de causar espanto o número das que chegaram até os periódicos, não obstante a censura czarista), a literatura serviu, mais ou menos, como uma válvula de escape pela qual assuntos

* Este texto é uma segunda versão de uma comunicação escrita inicialmente para ser apresentada no Segundo Encontro de Pesquisa na Graduação em Filosofia (Departamento de Filosofia da USP, 1997).

proibidos podiam ser apresentados ou, pelo menos, sugeridos. Por conta desse contexto peculiar, pode-se constatar a indubitável densidade ideológica da melhor literatura russa.

Tal densidade e importância no cotidiano russo não fazem dela adorno nem acessório, justamente pelo caráter de necessidade, ou seja, por ser a única forma na qual os russos poderiam ver discutidos os “verdadeiros” problemas. Se a literatura russa foi criada numa relação praticamente siamesa com o pensamento russo, o foi porque esse pensamento estava ele próprio amplamente focalizado nas preocupações políticas e socioculturais que ocupavam todo cidadão russo “pensante”. Para reforçarmos as lentes em busca de compreensão mais aguçada quanto aos grupos radicais e à passagem da primeira metade para a segunda do século XIX, permeada da inversão do quadro teórico do idealismo alemão para o socialismo pré-marxista, há que mencionar, salvo exceções, que os filósofos profissionais na Rússia, até o último quartel do século XIX, eram, segundo Frank e o historiador polonês Walicki, teólogos do catolicismo ortodoxo inclinados a ser “alemães”, apresentarem algum “sistema” assimilado na juventude.

A distinção entre eslavófilos e ocidentalistas – duas correntes pensantes que divergiam quanto aos esteios teórico-políticos mas que buscavam a autonomia intelectual russa – assenta-se em posturas críticas favoráveis ou não aos valores iluministas importados por Catarina, a Grande, nas últimas décadas do século XVIII, intensificadas numa vertente considerada iluminista russa e que abalou as fundações do império. Contudo, ainda que se empreendesse um recuo ante idéias liberais, era impossível à parte esclarecida da aristocracia deixar de enxergar a servidão, com exceções como a do príncipe Sherbátov, que depositava em Pedro, por conta de suas reformas (no início do século XVIII), a responsabilidade pelo início da *Corrupção moral russa* (título de seu discurso).

A propósito da situação político-social do início do século XIX, havia, por exemplo, os decembristas (revoltas da classe alta russa contra o trono), cuja ideologia seria um exemplo de liberalismo moderno. Em função disso, alguns aspectos começaram a chamar a atenção: a comuna camponesa russa (*obschina*) e sua aproximação com *mir* (assembléia). Para Walicki, a ideologia decembrista não encontrou adeptos no pensamento russo

Esquemas para crítica literária como ponto de viragem na democracia russa

posterior. Nenhum movimento radical na Rússia produziria uma concepção liberal ou mesmo liberal aristocrática de liberdade ou apoiaria o liberalismo econômico. E parece que a ausência de tais movimentos, de fato, constitui uma das diferenças mais marcantes entre o desenvolvimento sociopolítico russo e o da Europa ocidental.

Aproveitando o argumento de Frank, segundo o qual a *intelligentsia*, depois do fracasso da revolta decembrista, procurou consolo no idealismo alemão e na literatura romântica, pode-se dizer que começa aí uma distinção ainda tênue de posições de ordem nacionalista ou das mergulhadas em hegelianismo. Segundo os historiadores, Tchaadáiev (amigo de Pushkin) foi o primeiro pensador de relevo do início do século XIX a formular uma tese que refletisse a situação russa como peculiar em relação à Europa ocidental, com o argumento seguinte: o “atraso russo era em si o privilégio” Sustentava que a falta de desenvolvimento na Rússia, segundo os padrões ocidentais, seria na verdade uma grande vantagem (pelo fato de ter sido isolada das raízes da civilização ocidental, incorporadas e preservadas no catolicismo romano). Conclui Walicki, “Tchaadáiev defenderia uma Rússia que, ao construir seu futuro, teria a possibilidade de fazer uso da experiência das noções européias, evitando ao mesmo tempo os seus erros: podendo ser guiada somente pela voz da razão ilustrada e pela vontade comum” Como resultado, concluiu Tchaadáiev, a Rússia estaria destinada “a resolver a maioria dos problemas sociais e a aperfeiçoar a maioria das idéias que tinham surgido em sociedades mais antigas”

Bem, parece que podemos falar dos eslavófilos como intelectuais que recorriam demasiadamente às idéias dos românticos alemães conservadores, isto porque tanto a Rússia quanto a Alemanha estavam relativamente atrasadas em seu desenvolvimento industrial, e o novo sistema social e político (para o qual desejavam dar uma resposta) já começara a revelar as suas características negativas e fora atacado por críticos conservadores e não conservadores. Segundo Walicki, isto até tornou mais fácil e viável para os pensadores de linha conservadora a idealização das tradições patriarcais e das estruturas sociais arcaicas que em seus países tinham mostrado uma vitalidade obstinada; refiro-me à unidade social básica da vida russa, *obschina*, fundada no uso comum da

terra e regida segundo tradições que remontam à Rússia pré-petrina (embora a aristocracia já tivesse sofrido alterações por valores e noções importadas). Os eslavófilos apontavam que o excessivo racionalismo da cultura ocidental teria destruído a “integridade” do eu, levando a uma profunda ruptura da personalidade, a qual só poderia ser curada pela fé. Eles respondiam a Tchaadáiev e a uma glorificação inicial da civilização européia relacionando suas dificuldades presentes com um passado clássico do qual a Rússia – felizmente – teria sido excluída. Kirêievski (eslavófilo) argumentava que o Estado Romano tinha sido baseado num “racionalismo jurídico”, que pressupunha o conflito entre indivíduos competidores, e que apenas o despotismo, como no catolicismo romano, poderia impor algum tipo de unidade. Em linhas gerais, a convicção dos eslavófilos assim se pautava. Walicki aproveita para indicar semelhanças entre as idéias eslavófilas e a concepção de Max Weber sobre o direito romano como responsável pela racionalização progressiva das instituições sociais e do Estado social. Joseph Frank diz que, embora as idéias eslavófilas nunca tenham sido amplamente aceitas em sua forma original, foram elas o verdadeiro fermento para o pensamento russo, pois constituíram a primeira tentativa em larga escala de apresentar uma imagem alternativa aos modelos socioculturais.

Já os ocidentalistas, prossegue Frank, entre os quais Aleksandr Herzen, Bakúnin e Bielínski, tomaram a direção oposta. O denominador comum a todos é o fato de terem passado inicialmente por alguma forma de romantismo social ou filosófico, aprofundarem-se depois em Hegel dando atenção para a “realidade”, inspirando-se nos hegelianos de esquerda. Esses ocidentalistas voltaram-se para uma filosofia da ação política com o fim de transformar o mundo à luz da razão (ou seja, com uma preocupação inclinada à aplicação do quadro teórico hegeliano à chamada realidade material). O ideal era fundir os resultados da filosofia alemã com o ativismo político francês. Bielínski, que não era filósofo mas um dos maiores críticos literários, segundo Lukács, escreveu em uma de suas famosas cartas a denúncia do universal hegeliano em nome do indivíduo sofredor (segundo Frank, talvez seja essa a fonte da revolta de Ivan Karamázov contra o mundo de Deus). Herzen contribuiu filosoficamente com *Diletantismo na ciência e nas letras acerca do estudo da*



ao capitalismo e porque traria benefícios apenas para a classe educada. Acreditavam numa ditadura revolucionária que lutasse por um reinado de igualdade orgânica, fisiológica – segundo Frank, satirizados por Dostoiévski em *Os Demônios* na personagem do professor que sempre tenta fazer suas conferências sobre a sociedade perfeita.

*

Indico o que me interessa estudar: o papel da literatura e crítica literária russa pós-1850, com Tchernichévski e Dobroliúbov, discípulos de Bielínski que se valem de um embasamento socialista utópico em seu método crítico, passando por Fourier, Saint-Simon e Feuerbach, antes mesmo do socialismo científico de Marx. Segundo Lukács, Bielínski é o fundador da crítica democrático-revolucionária russa e é um contemporâneo de igual valor em relação aos maiores espíritos europeus da época anterior a 1848.

Para Lukács, os críticos russos reconheceram o eixo dialético sem a claridade metodológica de Engels num período pós-1848, no qual o desenvolvimento social da Europa Central e Ocidental sofrera uma violenta reação contra as tendências dos escritores. Quanto mais sofrem os escritores a influência da depressão ideológica (oriunda da perda de sentido desencadeada por um caráter antiartístico do mundo capitalista – motivos sociais em que se somam fatores objetivos e subjetivos da sociedade burguesa moderna, a falta de conexão entre forma artística, forças motrizes da sociedade e princípios estruturais da realidade social), quanto mais se isolam e se separam da “vida” para conservar incólumes seus ideais estéticos, mais se tornam ineptos para penetrar as raízes dos acontecimentos, da realidade, da ordem social. Já os críticos russos, segundo Lukács, além de injustamente apontados como os que teriam usado a crítica literária como um meio para evitar a censura do despotismo e para difundir assim de contrabando suas idéias revolucionárias entre a massa, teriam sido importantes revolucionários democráticos que conceberam grande salto social da revolução como uma transformação radical das contingências humanas. Seguindo assim o pensamento dos iluministas e de Feuerbach, pois suas aspirações sempre procuravam possibilitar ao homem uma evolução universal,

Esquemas para crítica literária como ponto de viragem na democracia russa

múltipla e livre, eles jamais perderam de vista a “interdependência” ao priorizar como princípio não separar a literatura do caminho extensivo da vida inteira e ao considerar toda a obra de arte como produto de conflitos sociais. A consequência ideológica deste ponto de partida é que toda obra de arte é imagem reflexa da vida social. Esta crítica consiste na confrontação entre a própria vida e a literatura como imagem refletida. A concepção segundo a qual a arte deve representar a realidade é a base comum a toda a estética fundada sobre as bases filosóficas do materialismo. De tal plano surgiu o método crítico de Bielínski, Tchernichévski e Dobroliúbov, que consistiria em confrontar a realidade material com a forma literária, o que implica uma crítica demolidora de toda a literatura desprovida de conteúdo. Sendo assim, Lukács, em seu texto sobre o realismo, afirma que a crítica de Tchernichévski e Dobroliúbov não se dedica a sondar a profundidade psíquica dos escritores, eles enfocam o verdadeiro problema: como o desenvolvimento da sociedade produz os problemas típicos e as figuras típicas, como do desenvolvimento social certos tipos nascem espontaneamente, como tipos e sociedade se complementam e continuam formando-se reciprocamente. Com isto, a crítica revolucionária democrática russa chega ao ponto no qual a gênese histórica e o valor estético da obra literária se cruzam e se fundem. Enquanto os estetas ocidentais estavam exagerando o caráter formal da arte mediante uma falsa interpretação subjetiva, ou haviam se apropriado de forma demasiado direta e linear dos fenômenos superficiais da vida social baseando-se num vulgar, rígido e excessivo objetivismo, a crítica russa indagava e particularizava os princípios densos da realidade vital, em cuja direção o desenrolar da sociedade encontra sua imagem estética adequada, verdadeira e profunda.

*

Chegando ao ponto de falar sobre a singular criação de “tipos” humanos verdadeiros e duradouros, há que se encaminhar para o papel de Dostoiévski, na literatura russa, e tentar responder posteriormente em que ponto Dostoiévski, nas *Memórias do Subterrâneo*, responderia a Tchernichévski, autor de *O que fazer?*, tentando combater os efeitos da obra do último. Segundo Frank, a “intuição” de Dostoiévski haveria

captado o “proselitismo” de Tchernichévski. Assim sendo, seria interessante buscar as origens destes confrontos, mesmo que tenha de se opor à postura de Lukács e sua defesa dos críticos russos como formas de superação das falsas orientações da crítica atual, confrontos que ulteriormente encontrariam reconhecimento e difusão de seu significado e valor literário. Lukács os defende como críticos democráticos a pregarem que a obra de arte refletia sua realidade, e o escritor, ainda que reacionário, ao fazê-la reconhecida e interdependente, abstraía-se na obra subtraindo-se, ainda que fora do seu controle. Dostoiévski como “catalisador da realidade”, “filtro genial”, teria intuído o “proselitismo” de Tchernichévski, respondendo-lhe ou também criticando-lhe? Para Joseph Frank, Tchernichévski e Dobroliúbov teriam ensaiado uma teoria estética reducionista, sob influência de J. Bentham e S. Mill, que tornavam, visivelmente, a crítica deles um “coquetel” e a literatura um utensílio panfletário. Joseph Frank, num ensaio sobre o pensamento russo, aponta que Turgueniêv, Tolstói e Dostoiévski, ainda que reconhecessem a coragem e dedicação política de Tchernichévski, consideravam suas opiniões ultrajantes a ponto de constituírem um ataque implícito até ao próprio direito de a arte existir, já que, segundo Tchernichévski, a arte só poderia ser tolerada como um substituto até o momento em que o retratado pudesse ser obtido na realidade.

Nesse artigo, o confronto de Dostoiévski com o Tchernichévski lido por Lukács vale-se dos comentários de Joseph Frank em um ensaio sobre *Memórias do Subterrâneo*, do aparato conceitual e da proposta inicial da pesquisa, e ainda, das aproximações entre Dostoiévski e Herzen quanto a concepções e posturas antideterministas. Pode-se ler as *Memórias do Subterrâneo*, para Frank um “díptico que apresenta dois episódios de uma história simbólica da intelectualidade russa” (Frank 1986, p.398), como uma crítica ao “assassinato” do livre-arbítrio defendido e operado por Tchernichévski, em quem é possível detectar os “espectros” de um materialismo do século XVIII, no qual “o Homem é produto da sua organização nativa e, por outro lado, fruto da circunstâncias que o rodeiam durante a sua vida, sobretudo durante o período de seu desenvolvimento” (Engels, *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, p.59).

Com tais urdiduras, suponho que Dostoiévski, com o homem subterrâneo, aluda à “consciência hipertrofiada” como sofrimento:

Juro-lhes, senhores, que uma consciência demasiado lúcida é uma doença, uma verdadeira doença. Em todo o tempo, para cada indivíduo, bastaria a simples consciência humana, isto é, metade, senão a quarta parte daquela que costuma possuir o homem inteligente do nosso infeliz século...¹

Seria esse homem o homem supérfluo do qual Herzen fora acionado por Tchernichévski? Cito o fim da obra:

Deixem-nos sós, sem livros, e logo nos perderemos e confundiremos, sem saber o que fazer nem o que pensar, sem saber o que se deve amar nem o que se deve aborrecer, ignorando igualmente o que merece estima e o que apenas deve inspirar desprezo. Até os próprios semelhantes se nos tornariam insuportáveis; haveríamos de nos envergonhar do homem autêntico, daquele que tem carne e sangue; consideraríamos esse semelhante como uma desonra. Empenhamo-nos em ser um gênero de homem vulgar que nunca existiu. Nascemos mortos, há muito tempo que nascemos de pais que já não vivem, e isso nos agrada cada vez mais. Tomamo-lhes o gosto. Dentro em pouco desejaremos nascer de uma idéia. Mas chega. No entanto, as memórias deste ser paradoxal não terminam aqui. Não pôde conter-se e continuou a garatujar. Mas parece-me que podemos pôr-lhe ponto final nesta página. (*Dostoiévski, op. cit., p.748-9*).

Em contraposição ao homem de ação:

Agora termino os meus dias no meu canto, com esse maligno e vão consolo de que um homem inteligente não pode conseguir abrir caminho e que só os néscios o conseguem. Sim, meus senhores; o homem do século XIX tem a obrigação moral de ser uma nulidade, pois o homem de têmpera, o homem de ação, de maneira geral tem vistas curtas. (*Dostoiévski, op. cit., p.666*).

Quando se depara com a parede de pedra, esse homem néscio é detido por ela? É aqui que parece sofrer o rechaçamento, através de um homem hiperconsciente (paródia de Tchernichévski) que refutaria, segundo a teoria deste último, a existência do livre-arbítrio, já que todas as ações que o homem possa atribuir a sua própria iniciativa seriam, na realidade, resultados das leis naturais. O homem do subterrâneo revela os efeitos sobre seu caráter desta “hiperconsciência” derivada de um conhecimento das tais leis, e assim exemplifica burlescamente o que a doutrina na realidade significa na prática. A consciência hipertrofiada baseada na

¹ Dostoiévski, *Memórias do Subterrâneo, in Obras Completas, v.2, p.667*.

“convicção” de que o livre-arbítrio fosse um engano conduz – como quis Dostoiévski com seu “engenho dialético” (Frank 1986, p.402) – a uma desconcertada desmoralização dramatizada: o fruto direto, legítimo, imediato da consciência é a inércia, ficar sentado de braços cruzados, não culpar nada, nem ninguém. Dostoiévski constrói um personagem que é coagido ao constatar a incompatibilidade deste determinismo aceito inicialmente pelo homem subterrâneo, mas que lhe resulta impossível viver com suas conclusões:

Que pedras são essas? As leis da natureza, as induções das ciências naturais, as matemáticas, sem dúvida (...). (*Dostoiévski, op. cit., p.671*). A propósito, os homens de ação se detêm sempre, com toda a sinceridade diante de uma parede de pedra (...). A parede tem para eles qualquer coisa de calmante, de decisivo, de derradeiro, talvez algo de místico (...). Falaremos disso mais adiante. (*Dostoiévski, op. cit., p.669*).

Vêm-se aqui exemplos de crítica a Tchernichévski, a essa “benção da parede” providencial até, formulação determinista-materialista em que não há livre-arbítrio, mediante os quais é possível averiguarmos a aproximação das idéias afins entre Herzen e Dostoiévski. O primeiro escreveu uma carta sobre o livre-arbítrio:

Em todos os períodos, o homem buscou sua autonomia, sua liberdade e ainda que arrastado pela necessidade, não deseja aquilo senão de acordo com a sua própria vontade, não deseja ser um passivo coveiro do passado ou inconsciente carteiro do futuro; considera a sua obra como livre e indispensável. Crê na sua liberdade como crê na existência do mundo externo tal como se apresenta a ele, pois confia em seus olhos e porque, sem tal confiança, não poderia dar um passo. Para ele, a liberdade moral é uma realidade psicológica, ou, se quiser, antropológica. (*Frank 1986, p.412*).

Voltando à crítica de Dostoiévski ao proselitismo de Tchernichévski, detectado em *O que fazer?*, ele responde agudamente sobre o determinismo que cercearia até mesmo qualquer possibilidade de transformação. Como se redimir, se seríamos frutos de “2+2 = 4”? Somos (eximidos de responsabilidades, de fomentar movimento, por conta da “providencial” parede das leis naturais), com todo direito, canalhas:

O mais importante era que aquilo devia produzir-se segundo as leis normais e fundamentais da consciência hipertrofiada e da inércia, como consequência fatal dessas leis, de onde se vê que uma pessoa não pode transformar-se e nada há para fazer. Assim, pois, segundo essa consciência hipertrofiada, uma pessoa tem razões de sobra para ser um canalha. (*Dostoiévski, op. cit., p.668*).

Esquemas para crítica literária como ponto de viragem na democracia russa

E como a crítica de Dostoiévski segue a pista de Herzen, ela entra em conflito com a verdadeira questão de ação e liberdade, ciência e consciência – para o homem, a parede, o obstáculo, objeto de reflexão e não gozo creditado a um elemento supra-humano.

Que me importam as leis da natureza, ou as da Aritmética, (...) é certo que não hei de deitar abaixo essa muralha, porque minhas forças não chegam; mas não hei de resignar-me só porque diante de mim se levante uma muralha de pedra que as minhas forças não possam derrubar (...). (Dostoiévski, op. cit., p.671).

É preciso, em todos os romances, apresentar um herói, e aqui se encontram expressamente reunidos todos os caracteres de um anti-herói; e, sobretudo, a minha narrativa deve produzir uma impressão desagradável, porque todos, mais ou menos, perdemos o hábito da vida... (Dostoiévski, op. cit., p.748).

Bibliografia

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Obras completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, 4 vols.

LUKÁCS, Georg. *Ensayos sobre el realismo*. Juan José Sebrelli (trad.). Buenos Aires, Ediciones Siglo Veinte, s/d.

_____. *Ensaio sobre literatura*. Leandro Konder (org.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

_____. *La theorie du roman*. Paris, Gonthier, s/d.

_____. *Marxismo e teoria da literatura*. Carlos Néilson Coutinho (trad.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

FRANK, Joseph. *Dostoiévski – la secuela de la liberación 1860-1865*. México, Fondo de Cultura Económica, 1986.

_____. *Pelo prisma russo – ensaios sobre literatura e cultura*. São Paulo, Edusp, 1992.